

# HISTÓRIA E LITERATURA: O USO DA INTERPRETAÇÃO TEÓRICA NA OBRA DE MIA COUTO ENQUANTO FONTE HISTÓRICA NA RECONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DE MOÇAMBIQUE. <sup>2</sup>

*SOUZA. Iara da Silva* <sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho de comunicação tem por objetivo fundamentar, a partir de referenciais teóricos, a identificação histórica de alguns aspectos da obra literária do escritor moçambicano Mia Couto, se utilizando do livro “Antes de Nascer o Mundo” (2009), esta análise com o uso de referenciais teóricos, irá demonstrar a relação existente entre a literatura e os acontecimentos da História onde a primeira pode ser considerada como uma das fontes históricas que são frequentemente utilizadas de forma implícita na retratação de uma época, embora tenha por base a construção de histórias e personagens de ficção, muitos textos literários encontram formas de discutir ou relembrar os acontecimentos de uma época ou um período em questão. Os períodos de descolonização e o processo de independência de Moçambique, que já fora colônia de Portugal, e como esses aspectos socioculturais são abordados pelo texto do livro de Couto (2009), serão relacionados às formas de interpretação de textos a partir da utilização de teóricos como Schmidt (2012), Eco (2012) e Ricour (2012). A proposta do trabalho de comunicação é tentar promover uma discussão sobre os acontecimentos históricos desse país africano, retratando a ligação entre o processo de independência e a presença dessas concepções na escrita literária de Couto (2009) em busca de uma construção da identidade Moçambicana.

Palavra-Chave: Moçambique, Literatura, Mia Couto, Identidade.

---

<sup>1</sup> ACADEMICA, do 4º semestre do curso de História, campus Três Lagoas, UFMS.

<sup>2</sup> TRABALHO apresentado como exigência de conclusão da disciplina Optativa História e sua Fontes (Literatura), ministrada pelo prof. Dr. Ronaldo Amaral.

## **INTRODUÇÃO**

Esta comunicação tem por finalidade fundamentar alguns aspectos da obra literária do escritor moçambicano Mia Couto, “Antes de Nascer o Mundo” (2009), com alguns referenciais teóricos que discutem as estruturas e a ligação entre Literatura e História onde a literatura pode ser contemplada como uma das fontes históricas mais utilizadas implicitamente na retratação de sua época, mesmo tendo por base histórias e personagens de ficção, é de suma importância os aspectos de vários períodos que são tratados nas mais variadas formas de textos literários.

Utilizando de formas interpretativas através de Schmidt (2012), Eco (2012) e Ricour (2012) a proposta do pré-projeto é tentar promover um estudo técnico sobre as questões levantadas pela leitura do livro, como o processo de descolonização de Moçambique país retratado na obra de Mia Couto, no intuito de analisar as características que permeiam os assuntos tratados pelo texto do livro, como concepções de identidade e a influencia da literatura brasileira na construção da recente História da literatura Africana.

A intenção dessa comunicação é buscar meios de compreender a ligação entre os fatos históricos do país de origem com a escrita literária dos autores, e como os fatores culturais que vivenciam influenciam na informação literária de suas obras, compreender de que maneira o autor moçambicano Mia Couto transmite em seus textos o contexto social do qual esta inserido seu país de origem, Moçambique.

## **METODOLOGIA TEÓRICA**

Os estudos e pesquisas que fundamentam os fatos que fazem parte do que possa vir a ser denominado como História, estão arraigados aos vestígios de fontes deixadas através dos tempos, como documentos, monumentos ou qualquer registro hipotético daquilo que pode ser investigado como uma “verdade” do passado ou uma versão do que possa ter sido ou feito parte de uma realidade histórica distante.

Esses vestígios são encontrados em diversas ciências como, por exemplo, na geografia, na arqueologia entre outras formas utilizadas para buscar o retrato de uma época, para realizar essas reconstituições é necessário o estudo não só do tempo e do espaço, mas também dos relatos que descrevem culturalmente e socialmente os componentes de uma sociedade.

A literatura é uma dessas fontes, em que mesmo sendo baseada em suas histórias centrais pelos moldes fictícios, não se pode negar que as estruturas das problemáticas sociais abordadas nas formas literárias são influenciadas direta ou indiretamente pela época em que foram escritas ou pela época em que desejam retratar.

Para escrever uma história, por exemplo, que se passa no século XIX, é preciso identificar os padrões culturais e políticos do qual pertencem esta sociedade, mesmo que seus personagens não sejam reais, eles deverão representar uma identidade que corresponda às características do local, do país e das pessoas que pertenciam a essa época, Ricour (2012) destaca a importância da concepção identitária;

“Aos três componentes de uma concepção identitária da preteridade do passado enunciados acima, pode-se fazer corresponder às três fases percorridas pela análise que Collingwood faz do pensamento histórico, quais sejam, a) o caráter documentário do pensamento histórico, b) o trabalho da imaginação na interpretação do dado documentário, c) por fim, a ambição de que as construções da imaginação operem a “reefetuação” do passado. O tema reefeituação deve ser mantido na terceira posição, para deixar bem marcado que ele não designa um método distinto e sim o resultado visado pela interpretação documentaria e pelas construções realizadas pela imaginação” (2012, Pg. 241).

A interpretação de uma época em uma obra literária, não descreve o período tal qual ele foi de fato, pois assim como na pesquisa de um historiador o escritor jamais poderá retratar o passado da maneira exata como foi, tanto na História como na literatura a abordagem do passado são baseadas em versões que se aproximam das formas sociais e culturais de uma época, e que tentam retratar aspectos que caracterizam os costumes de uma sociedade em determinado período.

A literatura pode ser identificada em alguns casos, como um meio de adquirir informação histórica, já que no entrelace das tramas provindas da imaginação se encontram descrições de fatos que remetem a várias características históricas como crises, guerras, transformações e sentimentos sociais que podem ter sido vivenciados em um período Histórico.

### **A RECENTE HISTÓRIA DA LITERATURA AFRICANA**

A literatura Africana é recente na História de Moçambique, que segundo o próprio escritor Mia Couto, tem uma forte influência da literatura brasileira pelas obras de Jorge Amado e Guimarães Rosa, este último em especial pela obra “Grande Sertão Veredas” escrita em 1956, Couto (2009) descreve a obra como uma de suas maiores influências por, segundo ele, retratar os sertões não como uma ordem geográfica, mas como uma construção de mundo através da linguagem, o mundo que não está nos grandes centros, o mundo que retrata a história das memórias subterrâneas de um povo que vive ainda os processos de uniformização da identidade cultural.

A literatura Africana, que entre outros escritores como o angolano Luandino Vieira e o moçambicano José Craveirinha, tem como um de seus expoentes literários o também escritor de

origem moçambicana, Mia Couto que escreve em português, língua falada por 40% da população, embora exista mais de 25 dialetos no país o único idioma do qual os escritores desenvolvem os textos literários é o português, herdada dos colonizadores devido ao domínio colonial.

Em uma breve comparação das influências literárias do Brasil, pode-se dizer que desse modo os sertões de Rosa (1994) se assemelhavam as savanas africanas como lugar do nada, do distante, daqueles que se encontravam excluídos ou exilados dos centros do poder e da urbanização, as influências com as histórias literárias vindas do Brasil tinham como ponto principal a questão em comum da identidade de um povo que fora subjugado pelo domínio do imperialismo colonial, porém o Brasil que, segundo Couto (2009) “já podia se dar ao luxo de ser Brasil...” formava a partir de seus escritores, uma identidade própria sobre suas características de miscigenação e pelas descrições de suas belezas de terra tropical, o que segundo a interpretação do escritor moçambicano era essa a principal intenção da literatura africana, poder se desvencilhar da memória de colônia, e criar sua própria identidade, assim como Rosa (1994) que entre outros de seu tempo criaram a brasilidade, Couto(2009) queria expressar em suas obras e criar na cultura africana uma moçambicanidade, uma concepção de identidade que não havia sido criada e nem vivida antes.

### **MOÇAMBIQUE: A EX-COLÔNIA PORTUGUESA**

Para compreender os anseios literários de Couto (2009), na intenção de promover um conceito de identidade nacional em seu país de origem, é necessário fazer uma recapitulação da história colonial de Moçambique até os conflitos que deliberaram sua independência.

Segundo Hernandez (2008), foi no século XV durante as expedições marítimas de Vasco da Gama, entre o ocidente e o oriente nas viagens destinadas á Índia, que os portugueses passaram a demonstrar interesse no litoral leste do continente africano onde se localizava a ilha de Moçambique.

A autora enfatiza que o interesse comercial Português por estas terras, em principio se baseava no controle das rotas dos pontos estratégicos tanto para o comercio com a Índia quanto para o comercio que vinha do interior do continente, que tinham neste primeiro momento, como principais produtos de exportação para a Europa, o marfim e o ouro. Neste período já é possível observar a diversidade de etnias existentes em Moçambique como demonstra Hernandez neste trecho;

“Ainda no inicio do processo de roedura da costa oriental do continente africano, em 1505, os portugueses fundaram uma feitoria-fortaleza em Sofala, onde adquiriam ouro do império pré-europeu do Monomotapa (1325-1700), que abrangia vários “reinos” vassallos, com

diferentes organizações políticas, sendo os principais até fins do século XVII: Makaranga, Changamire, Zimba, Chicoa, Macua, Sedanga, Quissanga, Quiteve, Manica, Barué e Maungwe, na província de Tete. Esse império, que se estendia do Kalaari ao Índico, era constituído pelos chonas sob a autoridade de um chefe do povo rozwi.” (2008, pg. 582-583,).

Desde o primeiro momento percebe-se o quão complexo era, mesmo antes da colonização, as organizações políticas e as relações de sociedades existentes no litoral leste, em específico a região de Moçambique, que trazia em sua formação uma heterogeneidade de povos e costumes com tradições religiosas e línguas diferentes, noções próprias de sociedades de acordo com os valores de cada organização de “reinos” ou “impérios”, onde estes se articulavam em favor de interesses próprios, unindo-se ou disputando espaços políticos entre si.

De acordo com Hernandez (2008), em decorrência dessa complexidade que não se restringia apenas a região de Moçambique, pois as organizações hierarquizadas entre outras características como as diversidades étnicas sempre fizeram parte da história do continente africano. Sendo assim, foi neste cenário que a ação da Conferencia de Berlim (1884-85), em que durante a exploração do imperialismo Europeu, fatiou o continente com demarcações de fronteiras geográficas que correspondiam somente aos interesses comerciais dos países europeus, ignorando dessa forma “os direitos dos povos africanos e suas especificidades históricas, religiosas e linguísticas” (Pg.64), acabou por desencadear inúmeros conflitos sociais e culturais nas etnias dos povos africanos.

No final do século XIX, com o fim da exploração da escravidão negra, e com as divisões de fronteiras realizadas pelo processo da conferencia de Berlim, Portugal assumiu o controle maior na administração colonial, a economia neste período girava em torno da exportação agrícola e da agricultura interna de baixa produtividade.

Segundo Hernandez (2008), a exploração sobre o aumento de impostos aos trabalhadores rurais, além as praticas racistas que dividiam desigualmente o trabalho dos negros que eram denominados na época como “indígenas”, começaram a levantar movimentos de resistência contra os abusos coloniais, “as elites culturais de Moçambique partilharam com os trabalhadores rurais um sentimento de indignação...” (pg.597), que fomentaram as primeiras formação de movimentos de resistência contra os portugueses.

Os movimentos de resistências anticoloniais, a partir de 1950, criaram núcleos políticos que fortaleciam as contestações, como o Núcleo de Estudantes Secundários de Moçambique (Nesam), entre vários outros, que insuflados pela indignação com o apartheid que ocorria na África do Sul, se manifestavam ainda mais contra a dominação dos colonos.

Após os primeiros núcleos organizados, foram criados em 1961, grupos novos de resistência e atuação política como a União Africana de Moçambique Independente (Unami), e a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), esta última resultado da junção de três grupos. A Frelimo foi o grupo que obteve maior destaque tanto nas negociações pela independência quanto nos embates contra os portugueses.

De acordo com a autora, contando com apoio de outros países do continente, como a Argélia, o Marrocos que oferecia apoio militar e a Zâmbia por interesses comerciais, a Frelimo defendeu a elaboração de movimentos que visassem à independência de Angola, Moçambique e Guiné, onde em 1964 iniciou a guerra pela independência, em meio a diversas tensões e articulações com outros movimentos, a luta armada durou cerca de dez anos, Portugal que estava sofrendo fortes pressões com a guerra, em 1974 avançou nas negociações que concordavam com um acordo conducente com a independência “unilateral” de Moçambique que foi em primeira instância negado pelos líderes moçambicanos, questão esta decisiva para a realização de um acordo posterior, onde era reivindicado a independência completa de Moçambique, a reivindicação foi aceita em um novo acordo entre a Frelimo e o estado português.

A independência Moçambique foi então, proclamada no dia 25 de setembro de 1975, porém isso não fez cessar a guerra que a partir daí, tomou rumos políticos-ideológicos o que agravou ainda mais as condições de miséria do país, além de suscitar impasses e rixas políticas dentro da organização do próprio partido da Frelimo, no entanto, mesmo com o aparecimento de problemas internos a Frelimo prevaleceu enquanto partido encarregado de direcionar os rumos de um novo estado, buscando a centralização econômica e a reconstrução social do país, porém a Frelimo encontrou em um novo impasse, desta vez com a Renamo, um movimento de resistência apoiado por países que mantinham relações conflituosas com a Frelimo, além de contar também com o apoio da população que não se consideravam representadas pela liderança do estado.

A rivalidade das duas frentes políticas resultou em um conflito que durou dezesseis anos em decorrência dos conflitos sobre a administração do estado, depois do conflito que durou de 1984 a 4 de outubro de 1992, foi assinado um tratado de paz onde os partidos políticos da Frelimo e da Renamo, concordaram em buscar uma “reconciliação nacional pela base”, pondo fim a guerra civil.

## **MIA COUTO E A LITERATURA NA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE MOÇAMBIQUE**

Em virtude de todo o processo de divergências políticas e culturais arraigadas à história do país de Moçambique, soa genuína a vontade do escritor Mia Couto de promover uma unidade

sociocultural sólida em seu país. Couto (2009), um moçambicano branco, descendente de portugueses, que escreve histórias literárias africanas em língua portuguesa, demonstra em sua descrição uma contradição lógica fruto da junção de povos distintos.

O escritor também formado em biologia presenciou as transformações políticas de seu país, assuntos muito recorrentes em seus textos literários, onde através da ficção de suas personagens é possível entrever os elementos que permeiam a história de Moçambique, podemos identificar nas entrelinhas de seus textos uma espécie de ativismo político, que demonstra o anseio de reconstruir culturalmente um país castigado pelos anos de subjugação colonial, não somente em vias de sistemas econômicos, mas também na prática de seus costumes africanos.

A identidade da recente literatura africana, que vem sendo criada através da obra de Mia Couto, traz nesta abordagem o livro “Jesusalém” que no Brasil tem como título “Antes de Nascer o Mundo” (2009), o livro é pincelado por concepções da esfera social do qual viveu Moçambique, como por exemplo, a luta pela independência pela qual o escritor participou e a guerra civil, que se tornaram aspectos fortes na concepção histórica do país, onde podemos afirmar pela ótica hermenêutica de Schleiermacher, que é sensata a compreensão das passagens do livro que demonstram claramente uma referência sobre estes fatos que ocorreram na trajetória histórica do país, como mostra este trecho;... “A guerra roubou-nos memórias e esperanças. Mas, estranhamente, foi a guerra que me ensinou a ler as palavras” (2009. Pg.40).

As reflexões sobre o contexto social de Moçambique, não impede que a história e as personagens do livro vivenciem um mundo imaginário concebido pelo autor, que constrói com maestria frases e diálogos regados por certa inocência e sensibilidade ímpar, como é nítido ver neste trecho da obra;

“A família, a escola, os outros, todos elegem em nós uma centelha promissora, um território em que poderemos brilhar. Uns nasceram para cantar, outros para dançar, outros nasceram simplesmente para serem outros. Eu nasci para estar calado. Minha única vocação é o silêncio. Foi meu pai que me explicou: tenho inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios. Escrevo bem, silêncios, no plural. Sim, porque não há um único silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez... Eu era um afinador de silêncios” (COUTO, 2009, pg.13).

A inocência, de que falo nas palavras do autor nada tem haver com ingenuidade, pois esta inocência que cheguei a absorver dentro de uma visão de leitor, é uma inocência nascida da experiência, experiência esta que apesar do contato com a realidade não deixou de ter em si uma expressão de ternura, mas assim como na descrição de Umberto Eco (2012), não se pode afirmar

que a sensação e a impressão que o leitor adquire ao ler uma obra, seja de fato, a mesma intenção e sensação que o autor teve ao escrever o discurso do livro, porém não deixa de ser importante que o leitor busque informações que possam aproxima-lo do ambiente do qual o autor escreveu os assuntos que permeiam a construção do texto, isso não trará as impressões empíricas do autor mas irá provocar uma interação maior com as características que definem uma determinada obra literária.

De acordo com a forma da escrita de Couto (2009), é inevitável não notar a forma de como a linguagem utilizada pelo autor, desenha os conflitos apresentados pelo texto de maneira poética e direta, ou seja, ao mesmo tempo em que o autor discorre amparado por uma linguagem rica em elementos de fantasia e imaginação, ele não se permite em nenhum momento perder o fio condutor da realidade contida na história do texto.

“A interpretação psicológica complementa a interpretação gramatical. A interpretação psicológica busca compreender o pensar do autor e como seus pensamentos são expressos no texto, e por isso há duas partes: a puramente psicológica e a técnica. A puramente psicológica tenta descobrir a decisão seminal do autor que motivou seu pensamento e sua escrita. A técnica busca compreender como os pensamentos do autor são expressos em sua composição. O objetivo geral da interpretação psicológica é compreender a individualidade do autor expressa em texto” (SCHMIDT, 2012, pg. 40).

Além da necessidade de interpretar esta obra literária de Couto (2009), utilizando os teóricos como Eco (2012), Schmidt (2012) e Ricour (2012), a partir das concepções de interpretação e compreensão do texto, é interessante destacar, a forma sofisticada e simples com que os temas são descritos pelo autor, abre-se um parêntese a figura da mulher que aparece no texto, em formas de lembranças, fragilidades e mistérios.

“Pois o caso é simples, meus filhos: o mundo morreu, não resta nada para lá de Jerusalém;

...Não terá sobrado, por lá, uma mulher?- inquiriu, certa vez, meu irmão.

O sobrolho de Silvestre se ergueu, Ntunzi suavizou, sabendo que a pergunta era provocatória: sem mulheres, não nos restava mais semente. O pai ergueu os braços e com eles cobriu a cabeça numa quase infantil reação. Ntunzi repetiu a frase, como se raspasse unha sobre vidro.

...Sem mulheres, não resta semente...

A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada, interdição: as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto” (COUTO, 2009, pg. 33).

A história também está permeada pela interpretação das próprias personagens, quando a figura do professor morre por estar com a pronunciada “doença do século”, “pandemia” o pequeno protagonista não enxerga a causa como nós leitores, para a personagem a tal “doença do século” é a solidão e não a “SIDA” como fica claro aos leitores, com isso talvez o autor tentasse explicar que as definições de males mudam de acordo com a perspectiva de quem as entende.

As descrições das personagens desenharam uma Moçambique lúdica onde os elementos utilizados no desenrolar do texto nos fazem vislumbrar um ambiente vivenciado pela gente comum que lutou ou fugiu da miséria provocada pela guerra ou pelo descaso existente em meio a que sobrou de anos de exploração.

O texto se vai assim, e até que se chegue à versão final, ficamos enquanto leitores a nós indagar sobre os motivos da fuga de Dordalma, sobre a loucura que acometerá Silvestre Vitalício, os desencantos da infância de Mwanito, a ausência do amor de Marta e os mistérios dos outros componentes da história que minuciosamente se desenrolam pelo texto bem dedilhado do autor.

Se a intenção do autor empírico, como dito por Eco (2012), dentro do seu contexto literário, no caso de Mia Couto em sua literatura africana, foi estabelecer um diálogo unindo a ficção imaginária com nuances da realidade histórica de seu país de origem Moçambique, pela interpretação do texto de “Antes de Nascer o Mundo” (2009), é salutar que se tenha alcançado um resultado significativo na concepção identitária de um povo que ainda busca os caminhos de uma uniformidade cultural, de autores de uma corrente literária recente, como a africana, que buscam absorver a arte da própria História na construção de sua própria identidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta comunicação tentou de alguma maneira traçar a ligação entre a História e suas fontes tendo por base a fonte literária do escritor moçambicano Mia Couto, onde se pretendia localizar elementos de seu texto contextualizando com os aspectos Históricos, utilizando Hernandez (2008) para recapitular os acontecimentos do país africano de origem de Couto, e alguns teóricos que fundamentam as características da escrita literária que podem ser usadas como fontes, em um trabalho inicial para que posteriormente possa ser capaz de um maior aprofundamento.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

- COUTO, Mia. Antes de nascer o mundo; São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ECO, Umberto. Entre o Autor e o Texto. Interpretação e Superinterpretação; São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- HERNANDEZ, Leila Leite. A África Na Sala De Aula: visita a historia contemporânea. - São Paulo: Selo Negro, 2005.
- RICOUR, Paul. Tempo e Narrativa; São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas; São Paulo: Nova Aguilar, 1994.
- SCHMIDT, Lawrence K. Hermenêutica; tradução de Fabio Ribeiro, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012- (Serie Pensamento Moderno).
- <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-com-mia-couto> Acessado em 23/07/2013 às 15:20.